

# Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VII

SETEMBRO DE 1864

Nº 9

## Influência da Música sobre os Criminosos, os Loucos e os Idiotas

A Revista musical do *Siècle*, exemplar de 21 de junho de 1864, continha o seguinte artigo:

“Sob o título: *Um órfão sob ferrolhos*, o Sr. de Pontécoulant acaba de publicar excelente notícia em favor de uma boa causa. Parece que o diretor de uma casa central de detenção concebeu a engenhosa idéia de introduzir a música nas celas dos condenados. Compreendeu que seu dever não era apenas punir, mas corrigir.

“Para agir com certeza sobre o caráter do prisioneiro, dorido pelo castigo, serviu-se da música. Começou por criar uma escola de canto. Os detentos que se haviam distinguido por sua boa conduta consideraram como uma recompensa fazer parte desse orfeão.

“A penitenciária se achava, assim, transformada. Dentre cerca de mil prisioneiros, escolheram cem, que foram chamados a

participar dos primeiros ensaios. O efeito foi muito grande sobre o moral desses infelizes. Uma infração dos regulamentos podia excluí-los da escola; puseram-se de acordo para respeitar as obrigações, que até então desdenhavam.

“A fim de fazer melhor compreender a importância que ligam à instituição desses coros, lembrarei que o silêncio lhes é imposto habitualmente. Eles pensam, mas não falam. Poderiam esquecer a sua língua, da qual não mais se servem momentaneamente. É compreensível que, em tais condições, esses trechos musicais, falados e cantados, lhes caíam como um maná do céu. É a ocasião de se reunirem, ouvir vozes, romper a solidão, comover-se, existir.

“Repito: os resultados são excelentes. De setenta cantores que compunham o orfeão, este ano, dezesseis foram indultados. Não é concludente?

“Esquecia-me de dizer que a experiência foi feita em Melun. É uma experiência a encorajar, um exemplo a seguir. Quem sabe se esses corações endurecidos talvez sintam se lhes fundir o gelo e possam ainda gostar de alguma coisa? Ensinando-lhes a cantar, lhes ensinam a não mais maldizer. Seu isolamento se povoa de seres, a cabeça se acalma e o trabalho pesado lhes parece menos duro. Cumprida a pena, muitas vezes reduzida pela aplicação e pela boa conduta, sairão transformados, e não pervertidos pelo ódio.

Um dia visitei a casa de saúde do Dr. B..., em companhia de um *alienista*. De passagem, dizia este:

– “As duchas! as duchas!... Conheço apenas as duchas e a camisa de força. É a panacéia... Todos os outros paliativos são insuficientes quando se está frente a frente com um louco furioso.

“Neste momento, gritos que partiam do fundo do jardim atraíram a nossa atenção.

– “Vede! Disse ele, percebo que um deles vai sofrer um dos dois suplícios, talvez mesmo os dois. Quereis que o sigamos? Vereis o efeito.

“O pobre coitado se debatia desesperadamente nas mãos dos guardas. Fazia ameaças e tinha os olhos em brasa. Tentar acalmá-lo parecia impossível sem recorrer aos grandes meios.

“De repente, ouviu-se uma voz na outra extremidade do jardim. Vinha de um pavilhão isolado, que parece ter surgido sozinho, com sua vinha virgem e suas parasitas caindo do telhado, num buquê de espinheiros em flor. A voz cantava a *romanza*<sup>19</sup> de *Saulo*, da Desdêmona.

“Parei para escutar. Não sei se devo a impressão que senti à influência da atmosfera e do lugar, mas o que afirmo é que jamais, em tempo algum, me senti tão profundamente comovido. Soube depois que a cantora era uma dama do mundo, cujas desventuras lhe fizeram perder a razão.

“O louco furioso deteve-se subitamente, deixando de debater-se e de blasfemar.

– “A voz! a voz! disse ele... Psiu!

“E, aprumando o ouvido, caía em êxtase.

“Acalmara-se.

– “Muito bem! – observo ao *alienista* desapontado – que dizeis de vossa famosa teoria?

“Ele teria preferido ser feito em pedaços a desdizer a sua brutal afirmação. As pessoas sistemáticas são assim. Os fatos nada significam para elas. Tratam o que as contraria como uma

19 N. do T.: Grifo nosso.

exceção. Não tenteis combatê-las; têm idéia fixa e, quando tiverdes esgotado todos os argumentos, elas vos rirão na cara. Nada de concessões! estão ou não estão convencidas.

“Em vários hospícios de alienados, notadamente em Bicêtre, compreenderam o partido que poderiam tirar da música e dela se servem vitoriosamente. Ali as missas são cantadas pelos loucos. Salvo raros incidentes, tudo se realiza conforme o programa, sem que se tenha de reprimir o menor desvio.

“Há uma doença mais horrível que a loucura: quero falar do cretinismo. Os loucos têm seus momentos de lucidez; por vezes são afetados apenas por uma mania. Conversam razoavelmente sobre todos os assuntos, à exceção daqueles que os fazem divagar. Um se supõe de vidro e recomenda que o toquem com precaução; outro vos aborda e diz, mostrando um de seus vizinhos: ‘Vede bem este moreninho? Ele se julga o filho de Deus; mas o Cristo sou eu.’ Um terceiro vos convida para grandes caçadas, em seu esplêndido parque; ouve a matilha, os criados que o apóiam, as fanfarras que lhe respondem, a disputa dos cães pela comida; é feliz em seu sonho; é quase sempre um ambicioso, caído mais ou menos longe do objetivo visado. Todos os curáveis e incuráveis têm um ponto de referência para a sua imaginação.

“Mas os outros – os idiotas, os cretinos – que lhes resta? Estão agachados num canto de parede, sobre uma pedra, fisionomia embrutecida, como horrendas pilhas de carne, não tendo jamais um lampejo de inteligência e nem mesmo o instinto dos animais inferiores. Estão completamente perdidos de corpo e de alma, rebaixados em sua dignidade de homens, bastante degradados e tolhidos física e moralmente; têm ouvidos, mas não escutam; têm olhos, mas não vêem; seus sentidos estão extintos: são mortos vivos.

“Em vão tentaram ressuscitar alguma coisa neles, ora pelo rigor, ora pela doçura. Era para desesperar.

“Então vocalizaram notas em sua presença, até que as repetissem maquinalmente. Ensinaram-lhes a cantar motivos simples e curtos, que eles repetiam. Agora cantam. Para eles cantar é uma festa. Pelo canto mantêm o domínio sobre eles: é a sua punição ou a sua recompensa; obedecem; têm consciência de suas ações. Ocupam-nos nos mesmos trabalhos. Ei-los a caminho de uma espécie de reabilitação intelectual.

“Há regiões onde esta cruel enfermidade se reproduz incessantemente. Será o ar ou a água que a provoca?

“Certa manhã, depois de uma noite de caça laboriosa na vertente meridional dos Pirineus, eu tinha entrado na choupana de um pastor, para me refrescar. Aí encontrei o pai debilitado, a esposa macilenta e três meninos raquíticos, um dos quais enroscado num monte de palha apodrecida. Como eu examinasse esse desventurado imbecil, o pai me disse:

“Oh! este aí jamais viveu; nasceu como está. Aqui o cretinismo afeta um em três. Pago a minha dívida.

“Ele vos reconhece? perguntei.

“Nem a mim, nem aos irmãos; fica na posição em que o vedes. Só desperta desse torpor quando o Sol se põe e eu grito o rebanho, esparso no campo; então ele se agita, parece contente, como se algo feliz lhe sucedesse.

– “E a que atribuis esse movimento?

– “Não sei.

– “De que sinais vos servis?

– “Do refrão de todos os pastores.

– “Vejam; dissei o refrão, como se os animais estivessem voltando.

O velho dócil foi para a porta e, de pé, do lado de fora, com as mãos em posição de sopro, recomeçou o canto de chamada. Deu-se um fato estranho: o menino doente ergueu-se de um salto, soltando gritos inarticulados. Dava a impressão de querer falar. Expliquei que a música agia poderosamente sobre os seus nervos. O pai compreendeu e me disse com o seu sotaque característico:

– “Eu sei canções; eu lhas cantarei.

“Dois anos mais tarde tive oportunidade de rever essa pobre gente, a quem eu trazia uma cabra montês ferida.

“O menino se tornara dócil.

“Publiquei a história antes que pensassem em se servir da música como processo curativo em casos semelhantes. Meu relato foi tido à conta de fábula.

“O meio prático depois fez o seu caminho, com os cretinos e com os loucos, o que não impediu meu *alienista* de sustentar que nada supera a camisa de força e as duchas. Pelo menos esta é a sua convicção.”

Não sabemos se o autor do artigo, o Sr. Chadeuil, é antiespiritualista, mas o que é certo é que é antiespírita em alto grau, a julgar pelos sarcasmos que não poupa à crença nos Espíritos, quando se lhe deparou ocasião de fazê-lo em sua *Revista Musical*. Para negar uma doutrina baseada em fatos e aceita por milhões de pessoas, ele viu, observou e estudou? Informou-se escrupulosamente em todas as fontes? Seus próprios artigos testemunham ignorância daquilo de que fala. Em que, então, se apóia para afirmar que é uma crença ridícula? Em sua opinião pessoal, que acha ridícula a idéia de os Espíritos se comunicarem

com os homens, absolutamente como todas as idéias novas de alguma importância foram consideradas ridículas pelos homens, mesmo os mais capazes. Assim, e sem desconfiar, ele é a aplicação dessas notáveis e verídicas palavras de seu artigo:

“As pessoas sistemáticas são assim. Os fatos nada valem para elas. Tratam aquilo que as contraria como uma exceção. Não tenteis combatê-las; têm sua idéia fixa e, quando tiverdes esgotado todos os argumentos, elas vos rirão na cara.”

Não é sempre a história da trave e do argueiro no olho? É verdade que não sabemos se esta reflexão é dele ou do Sr. Pontécoulant. Em todo o caso, se ele a cita com elogio, é porque a aceita. Mas deixemos a opinião do Sr. Chaudéuil, que pouco nos importa, e vejamos o artigo em si mesmo, que constata um fato importante: a influência da música sobre os criminosos, os loucos e os idiotas.

Em todos os tempos tem-se reconhecido a influência salutar da música para o abrandamento dos costumes. Sua introdução entre os criminosos seria um progresso incontestável e só poderia dar resultados satisfatórios; ela move as fibras entorpecidas da sensibilidade e as predispõe a receber as impressões morais. Mas é suficiente? Não; é um labor em terra inculta, que necessita de sementeira de idéias próprias, capazes de causar uma profunda impressão sobre essas naturezas extraviadas. É preciso falar à alma, depois de haver amolecido o coração. O que lhes falta é a fé em Deus, em sua alma e no futuro; não uma fé vaga, incerta, incessantemente combatida pela dúvida, mas uma fé baseada na certeza, a única que pode torná-la inabalável. Sem dúvida a música pode predispor a isto, mas não a dá. Nem por isto deixa de ser um auxiliar, que não se pode negligenciar. Esta e muitas outras tentativas, que a Humanidade e a civilização não podem senão aplaudir, testemunham uma louvável solicitude pelo moral dos condenados; mas resta ainda atingir o mal na sua raiz.

Um dia será reconhecido toda a extensão do socorro que se pode haurir nas idéias espíritas, cuja influência já está provada pelas numerosas transformações que operam nas naturezas aparentemente mais rebeldes. Só os que se aprofundaram nesta doutrina e meditaram sobre as suas tendências e conseqüências inevitáveis, poderão compreender a força do freio que ela opõe aos arrastamentos perniciosos. O poder desta força resulta do fato de dirigir-se à própria causa desses arrastamentos, que é a *imperfeição do Espírito*, ao passo que a maior parte do tempo só a buscam na *imperfeição da matéria*. Como doutrina moral, o Espiritismo já não é hoje uma simples teoria: entrou na prática, ao menos para grande número dos que admitem os seus princípios. Ora, conforme o que se passa, e em face dos resultados produzidos, pode-se afirmar sem receio que a diminuição dos crimes e delitos será proporcional à sua vulgarização. É o que um futuro próximo se encarregará de demonstrar. Aguardemos que a experiência se faça em mais vasta escala, pois já se faz todos os dias individualmente. Disto a *Revista* já forneceu numerosos exemplos; limitar-nos-emos a lembrar as cartas de dois prisioneiros, publicadas nos números de novembro de 1863 e fevereiro de 1864.

Deixamos aos leitores o cuidado de apreciar o fato acima, relativo à loucura. Sem sombra de dúvida é a mais amarga crítica aos alienistas que só conhecem as duchas e a camisa de força. O Espiritismo vem projetar uma luz inteiramente nova sobre as doenças mentais, demonstrando a dualidade do ser humano e a possibilidade de agir isoladamente sobre o ser espiritual e sobre o ser material. O número sempre crescente de médicos que entram nessa nova ordem de idéias necessariamente provocará grandes modificações no tratamento dessas espécies de afecções. Abstração feita da idéia espírita propriamente dita, a constatação dos efeitos da música em semelhantes casos é um passo na via espiritualista, da qual os alienistas em geral se afastaram até hoje, para grande prejuízo dos doentes.

O efeito produzido sobre os idiotas e os cretinos é ainda mais característico. Quase sempre os loucos foram homens inteligentes; não se dá o mesmo com os idiotas e os cretinos, que parecem votados pela própria Natureza a uma nulidade moral absoluta. Ainda aqui o Espiritismo experimental vem projetar luz, ao provar, pelo isolamento do Espírito e do corpo, que são, geralmente, Espíritos desenvolvidos, e não atrasados, como se poderia supor, embora unidos a corpos imperfeitos. Em caso de igualdade de inteligência, a diferença entre o louco e o cretino é que o primeiro, ao nascer, é provido de órgãos cerebrais constituídos normalmente, mas que mais tarde se desorganizam, ao passo que o segundo é um Espírito encarnado num corpo, cujos órgãos, atrofiados desde o princípio, jamais lhe permitiram manifestar livremente o pensamento; está na situação de um homem forte e vigoroso a quem tivessem tirado a liberdade de movimentos. Para o Espírito, tal constrangimento é um verdadeiro suplício, porque não deixa de ter a faculdade de pensar e, como Espírito, sente a abjeção em que o coloca a sua enfermidade. Suponhamos, então, que em dado momento, por um tratamento qualquer, se possam desligar os órgãos: o Espírito recobriria a liberdade e o maior cretino se tornaria um homem inteligente. Seria como um prisioneiro saindo da prisão, ou como um bom músico em frente a um instrumento completo, ou, ainda, como um mudo, recobrando a palavra.

O que falta ao idiota não são, pois, as faculdades, mas as cordas cerebrais correspondentes a essas faculdades, para a sua manifestação. Na criança normalmente constituída, o exercício das faculdades do Espírito induz o desenvolvimento dos órgãos correspondentes, que nenhuma resistência oferecem. No idiota, a ação do Espírito é impotente para provocar um desenvolvimento que ficou em estado rudimentar, como um fruto abortado. Assim, a cura radical do idiota é impossível; tudo quanto se pode esperar é uma ligeira melhora. Para isto não se conhece nenhum tratamento

aplicável aos órgãos. É ao Espírito que se tem de dirigir. Estudando as faculdades, cujo germe se descobre, deve-se provocar o seu exercício por parte do Espírito; e este, então, superando a resistência, possibilitará que se obtenha uma manifestação, se não completa, ao menos parcial. Se há um meio externo de agir sobre os órgãos é, seguramente, a música. Ela consegue abalar essas fibras entorpecidas, como um grande ruído que chega aos ouvidos de um surdo. Com isto o Espírito se agita, como numa lembrança, e sua atividade, provocada, redobra esforços para vencer os obstáculos.

Para quem não vê no homem senão uma máquina organizada, sem levar em conta a inteligência que preside ao jogo desse organismo, tudo é obscuridade e problema nas funções vitais, tudo é incerteza no tratamento das afecções. Eis por que, na maioria das vezes, só se combate um lado do mal; mais ainda: tudo são trevas nas evoluções da Humanidade, tudo são ensaios nas instituições sociais; por isto, tantas vezes se anda em caminho errado.

Admiti, apenas a título de hipótese, a dualidade do homem, a presença de um ser inteligente independente da matéria, preexistente e sobrevivente ao corpo, já que este não passa de um invólucro temporário daquele, e tudo se explica. O Espiritismo, por meio de experiências positivas, faz desta hipótese uma realidade, ao revelar-nos a lei que rege as relações entre o Espírito e a matéria.

Zombai, pois, ó cépticos, da Doutrina Espírita, oriunda do fenômeno vulgar das mesas girantes, como a telegrafia elétrica surgiu das rãs dançantes de Galvani; mas sabeis que, negando os Espíritos, negais a vós mesmos, pois também zombaram das grandes descobertas.

## O Novo bispo de Barcelona

Escrevem-nos da Espanha, em data de 1<sup>o</sup> de agosto de 1864:

“Caro mestre,

“Tomo a liberdade de vos enviar a nova pastoral que monsenhor Pantaleão, bispo de Barcelona, acaba de publicar no jornal *Diário de Barcelona*, de 31 de julho. Como podeis notar, ele quis marchar sobre o rastro de seu predecessor. Para mim, espírita sincero, perdô os palavrões que nos dirige, mas não posso deixar de pensar que ele poderia empregar a ciência que possui de maneira mais proveitosa para o bem da fé e de seus semelhantes. Para citar apenas um exemplo, temos a todo instante o espetáculo dessas abomináveis touradas, nas quais os pobres animais, depois de terem passado a vida a serviço do homem, vêm morrer estripados nessas tristes arenas, para gáudio de uma população ávida de sangue, cujos maus instintos são desenvolvidos por esses jogos bárbaros.

“Eis contra o que deveríeis fulminar, monsenhor, e não contra o Espiritismo, que diariamente vos reconduz ao aprisco as ovelhas que havíeis perdido. Porque eu, que acreditava sinceramente em Deus, que reconhecia sua grandeza nos mais ínfimos detalhes da Natureza, antes de ser espírita não podia aproximar-me de uma igreja, tamanha era a discordância que os meus olhos viam entre os que se dizem os representantes de Deus na Terra e essa grande figura do Cristo, que o Evangelho nos mostra todo amor e abnegação. Sim, dizia a mim mesmo, Jesus se sacrifica por nós; faz sua entrada triunfal em Jerusalém, vestido de burel, montado num jumento; e vós, que vos dizeis seus representantes, vos cobris de seda, ouro e diamantes. É esse o desprezo das riquezas que o divino Messias pregava aos seus apóstolos? Não; e, no entanto, eu vo-lo confesso, monsenhor, desde que sou espírita pude entrar em vossas igrejas e nelas orar

com fervor, a despeito da música mundana, que aí toca árias de ópera; pude orar pensando que, entre todas essas pessoas reunidas, a algumas, talvez, essa pompa teatral fosse útil para elevar suas almas a Deus; então pude perdoar o vosso luxo e compreendê-lo num certo sentido. Bem vedes, assim, monsenhor, que não é sobre os espíritas que deveis trovejar; e se tendes em vista, como não duvido, apenas o bem do vosso rebanho, reconsiderai vossa maneira de ver o Espiritismo, que não nos recomenda senão o amor aos semelhantes, o perdão das injúrias, a doçura, a caridade e o amor, mesmo aos nossos próprios inimigos.

“Caro mestre, perdoai-me estas poucas linhas, que me foram sugeridas por esta nova pastoral. O Espiritismo veio reavivar a minha fé, explicando-me todas as misérias da vida que, até então, minha inteligência não pudera compreender. Sinceramente convencido de que trabalhamos para o nosso e para o progresso da Humanidade, não cessarei de propagar esta doutrina no meu círculo de relações, empregando, para tanto, uma convicção profunda e os meios que Deus me ofereceu.

“Dignai-vos receber, caro mestre, etc.”

Damos, a seguir, a tradução da pastoral do monsenhor bispo. Reproduzimo-la *in extenso*, para não enfraquecer o seu alcance. O monsenhor de Barcelona passa, com razão, por um homem de mérito; deve, portanto, ter reunido os mais poderosos argumentos contra o Espiritismo. Os nossos leitores julgarão se ele será mais feliz que os seus confrades, e se o golpe de misericórdia nos será dado do outro lado dos Pirineus. Limitamo-nos a acrescentar algumas observações.

“Nós, D. D. Pantaleão Monserra y Navarro, pela graça de Deus e da Santa Sé apostólica, bispo de Barcelona, cavaleiro da grã-cruz da Ordem Americana de Isabel, a Católica, do Conselho de Sua Majestade, etc.

“Aos nossos amados e fiéis diocesanos,

“O homem, posto na Terra como num lugar de trevas que o impede de ver as coisas colocadas numa ordem superior, não pode dar um passo para buscá-las, caso não seja esclarecido pela chama da fé. Se se separar desse guia, apenas tropeçará, caindo hoje no extremo da incredulidade, que tudo nega, e amanhã no da superstição, que em tudo crê. Nossa época, que pretende conduzir-se pela razão e pelos sentidos, não admitindo como verdade senão o que lhe mostram essas testemunhas falaciosas, vê-se atravessada por uma imensa corrente de idéias, arrastando, em consequência, a negação do sobrenatural e uma excessiva credulidade. Uma e outra são o produto do orgulho da inteligência humana, que se recusa a prestar uma atenção razoável à palavra revelada de Deus. A geração atual se vê obrigada a assistir a esse triste espetáculo que hoje nos dão os povos mais adiantados em ciência e em civilização. Os Estados Norte-Americanos, essa nação chamada modelo, e algumas partes da França, aí compreendida a colônia da Argélia<sup>20</sup>, esforçam-se, desde algum tempo, ao estudo ridículo e à aplicação do Espiritismo, que, sob esse nome, vem ressuscitar as antigas práticas da necromancia, pela evocação dos Espíritos invisíveis, que repousam no lugar de seu destino, além do sepulcro, e os consultam para descobrir os segredos ocultos sob o véu que Deus estendeu entre o tempo e a eternidade.”

*Observação* – Se se é repreensível por manter relações com os Espíritos, seria preciso que a Igreja os impedisse de vir sem serem chamados, pois é notório que há um grande número de manifestações espontâneas, mesmo em pessoas que jamais ouviram falar do Espiritismo. Como as senhorinhas Fox, nos Estados Unidos, as primeiras que revelaram sua presença naquele país, foram postas no caminho das evocações, senão pelos Espíritos que a elas vieram manifestar-se, quando absolutamente neles não pensavam? Por que aqueles Espíritos deixaram o lugar que lhes fora designado além do sepulcro? Com ou sem a permissão de Deus?

20 **N. do T.:** *Alger* no original. Na verdade *Argélia* (Algérie), cuja capital é Argel.

O Espiritismo não brotou do cérebro de um homem como um sistema filosófico criado pela imaginação. *Se os Espíritos não se tivessem manifestado por si mesmos, não teria havido Espiritismo.* Se não se pode impedir que se manifestem, não se pode deter o Espiritismo, do mesmo modo que se não pode impedir um rio de correr, a menos que se lhe suprima a fonte. Pretender que os Espíritos não se manifestam é uma questão de fato e não de opinião. Contra a evidência não há contestação possível.

“Este desejo exagerado de tudo conhecer, por meios ridículos e reprovados, é apenas o fruto dessa necessidade, desse vazio que experimenta o homem, quando rejeitou tudo o que lhe foi proposto como verdade pela sua soberana legítima e infalível: a Igreja.”

*Observação* – Se o que essa soberana infalível propõe como verdade a Ciência demonstra ser um erro, é culpa do homem se o repele? A Igreja era infalível, quando condenava às penas eternas os que acreditavam no movimento da Terra e nos antípodas? quando ainda hoje condena os que crêem que a Terra não foi formada em seis dias vezes vinte e quatro horas? Para que a Igreja fosse acreditada sob palavra, seria necessário que nada ensinasse que pudesse ser desmentido pelos fatos.

“Num momento de ardor para tudo conhecer por si mesmo, ele repeliu como superstição essa mesma verdade, porque seu entendimento não a compreendia ou não concordava com as noções recebidas a propósito. Mais tarde, porém, julgou necessário o que havia desprezado; quis reabilitar-se na sua fé; examinou-a novamente e, conforme tal exame tenha sido feito por pessoas de imaginação viva, ou por outras de temperamento nervoso e irritável, admitiram, no seu sistema de crença, tudo quanto aquelas julgaram ver e ouvir dos Espíritos evocados, num momento de melancólica exaltação.”

*Observação* – Jamais havíamos pensado que a fé, isto é, a adoção ou a rejeição das verdades ensinadas pela Igreja, após o exame feito por aquele que sinceramente a ela queira voltar, fosse uma questão de temperamento. Se, por lhes dar preferência em relação às outras crenças, não se deve ser nervoso, nem irritável, nem ter a imaginação viva, há muita gente que será fatalmente excluída

em conseqüência de sua compleição. Cremos que neste século de progresso intelectual, a fé é uma questão de *compreensão*.

“Foi assim que se chegou a criar uma religião que, reproduzindo os desvios e as aberrações do paganismo, ameaça conduzir à loucura e ao mais imundo cinismo (*y al cinismo mas inmundo*) a sociedade ávida do maravilhoso.”

*Observação* – Eis mais um príncipe da Igreja que proclama, num ato oficial, que o Espiritismo é uma religião que se cria. É o caso de repetir aqui o que já dissemos a respeito: Se algum dia o Espiritismo se tornar uma religião, a Igreja terá sido a primeira a dar tal idéia. Em todo o caso, essa religião nova, caso venha a sê-lo, afastar-se-ia do paganismo pelo fato capital de que não admite um inferno localizado, com penas materiais, enquanto o inferno da Igreja, com suas labaredas, seus tridentes, suas caldeiras, suas lâminas de navalhas, seus pregos pontiagudos, que estraçalham os danados, e seus diabos que atijam o fogo, é uma cópia amplificada do Tártaro.

“Allan Kardec, o grande propagador desta seita de modernos iluminados, confessa-o em seu *O Livro dos Espíritos*, dizendo: ‘Que por vezes estes se comprazem em responder ironicamente e de maneira equívoca, que desconcerta os infelizes que os consultam.’ E, não obstante ele advirta da necessidade que há em discernir os Espíritos sérios dos superficiais, não nos pode dar as regras necessárias a esse discernimento, confissão que revela toda a vaidade e a falsidade do Espiritismo, com suas deploráveis conseqüências.”

*Observação* – Remetemos o Sr. bispo de Barcelona a *O Livro dos Médiuns* (capítulo XXIV, página 327).

“Se esse sistema, que estabelece monstruoso comércio entre a luz e as trevas, entre a verdade e o erro, entre o bem e o mal, numa palavra, entre Deus e Belial, não tem prosélitos na Espanha, há, com toda certeza, ardentes propagadores, e a metrópole de nossa diocese é o teatro escolhido para lançar mão de todos os meios que pode sugerir o Espírito de mentira e de perdição. A prova disto está na introdução fraudulenta que se opera, malgrado

o zelo manifestado pelas autoridades locais, de milhares de exemplares de *O Livro dos Espíritos*, escrito pelo pregador número um destas mentiras, Allan Kardec, e traduzido em espanhol.”

*Observação* – É muito difícil conciliar estas duas asserções, a saber: que o Espiritismo *não* tem prosélitos na Espanha, e que há, com toda certeza, ardorosos propagadores. Também não se compreende que, num país onde não há espíritas, *O Livro dos Espíritos* circule aos milhares.

“Lendo esta produção original, dissemos a nós mesmos: cada século tem as suas preocupações, seus erros favoritos; os erros do nosso são uma tendência a negar o que é invisível e a só buscar a certeza na matéria sensível. Não seria, pois, inacreditável, caso não o tivéssemos visto, que o século dezanove, tão rico em descobertas sobre as leis da Natureza, tão rico em observações e em experiências, tenha adotado os sonhos da magia e as aparições de Espíritos pela mera evocação de um simples mortal? Contudo, é isto! E esta nova heresia, importada, ao que parece, dos países idólatras pelos povos do novo mundo, invadiu o antigo e neste encontrou adeptos e partidários, a despeito da chama do Cristianismo, que ilumina há dezoito séculos e condena semelhantes bagatelas, malgrado o brilho que este espalhou em toda a sua superfície e, particularmente, sobre a Europa.”

*Observação* – Já que o monsenhor de Barcelona se admira de que o século dezanove aceite tão facilmente o Espiritismo, não obstante suas tendências positivas e as riquezas de suas descobertas no que concerne às leis da Natureza, nós lhe diremos que é precisamente a aptidão para essas descobertas que produz tal resultado. As relações entre o mundo visível e o mundo invisível são uma das grandes leis naturais, que ao século dezanove estava reservado desvelar ao mundo, bem como tantas outras leis. O Espiritismo, fruto da experiência e da observação, baseado em fatos positivos até agora incompreendidos, mal estudados e ainda pouco explicados, é a expressão dessa lei. Por isto mesmo vem destruir o fantástico, o maravilhoso e o sobrenatural, falsamente atribuídos a esses fatos, fazendo-os entrar na categoria dos fenômenos naturais. Como vem explicar o que era inexplicável, demonstra o que afirma e lhe dá a razão, não quer ser acreditado sob palavra; como provoca o exame, não quer ser aceito sem conhecimento de causa. É por tais motivos que

corresponde às idéias e tendências positivas do século. Sua fácil aceitação, longe de ser uma anomalia, é uma conseqüência de sua natureza, que lhe dá posição entre as ciências de observação. Se se tivesse cercado de mistérios e houvesse exigido a fé cega, tê-lo-iam repellido como um anacronismo.

Jovem ainda, encontra oposição, como todas as idéias novas de certa importância. Tem contra si:

1<sup>o</sup> – Os que só crêem na matéria tangível e negam todo poder intelectual fora do homem;

2<sup>o</sup> – Certos sábios que pensam que a Natureza não tem mais segredos para eles, ou que só a eles cabe descobrir o que ainda está oculto;

3<sup>o</sup> – Os que, em todos os tempos, se empenharam em entrar a marcha ascendente do espírito humano, porque temiam que o desenvolvimento das idéias, fazendo ver bem claro, lhes prejudicasse o poder e os interesses;

4<sup>o</sup> – Enfim, aqueles que, sem idéia preconcebida e não o conhecendo, julgam-no pelas deturpações com que o apresentam os seus adversários, visando a desacreditá-lo.

Esta categoria constitui a grande maioria dos opositores; mas diminui a cada dia, porque diariamente aumenta o número dos que estudam; as prevenções caem ante um exame sério e se ligam tanto mais à coisa sobre a qual reconhecem terem sido enganados. A julgar pelo caminho feito pelo Espiritismo em tão curto espaço de tempo, fácil é prever que em pouco tempo não terá contra si senão os antagonistas de idéias preconcebidas; e como estes formam uma pequena minoria, sua influência será nula. Eles próprios sofrerão a influência da massa e serão forçados a seguir a torrente.

A manifestação dos Espíritos não é apenas uma crença: é um fato. Ora, diante de um fato, a negação é sem valor, a menos que se prove que ele não existe, coisa que ninguém ainda demonstrou. Como em todos os pontos do globo a realidade do fato é constatada diariamente, crê-se no que se vê. É o que explica a impotência dos negadores para deter o movimento da idéia. Uma crença só é ridícula quando é falsa; já não o é, desde que repouse sobre uma coisa positiva. O ridículo é para o que se obstina em negar a evidência.

“Isto vos deve convencer, meus diletos filhos e irmãos, da necessidade que tem o homem de crer; e quando ele despreza as

verdadeiras crenças, abraça com entusiasmo até mesmo as falsas. Eis por que diz o profundo Pascal, num de seus pensamentos: ‘Os incrédulos são os homens mais propensos a crer em tudo.’ O Espírito das trevas toma os homens como joguete e instrumento de seus maus propósitos, servindo-se de sua vaidade, de sua credulidade, de sua presunção para deles fazer os propagadores e os apóstolos daquilo de que riam na véspera, do que qualificavam de invenção quimérica e de espantinho para as almas fracas.

“Não, meus irmãos, a verdadeira fé, a doutrina do Cristianismo, o ensino constante da Igreja, sempre reprovaram a prática dessas evocações, que levam a crer tenha o homem sobre os Espíritos um poder que só a Deus pertence. ‘Não está no poder de um mortal que as almas separadas dos corpos após a morte lhe revelem os segredos cobertos pelo véu do futuro.’ (Mat. 16:4).”

*Observação* – O Espiritismo também diz que aos Espíritos não é dado revelar o futuro, condenando formalmente o emprego de comunicações de além-túmulo como meio de adivinhação. Diz que os Espíritos vêm para nos instruir e nos melhorar, e não para nos ler a buena-dicha; diz ainda que ninguém pode constringer os Espíritos a vir falar quando não querem. É desnaturar maldosamente o objetivo pretender que ele faça necromancia. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXVI, pág. 386).

“Se a sabedoria divina tivesse julgado útil à felicidade e ao repouso do gênero humano instruí-lo sobre as relações entre o mundo dos Espíritos e o dos seres corpóreos, ela no-lo teria revelado de maneira que nenhum mortal pudesse ser enganado em suas comunicações; ter-nos-ia ensinado um meio para reconhecer quando nos tivessem dito a verdade, ou insinuado um erro, e não nos teria abandonado, para tal discernimento, à luz da razão, que é um clarão muito fraco para descobrir essas regiões que se estendem para além da morte.”

*Observação* – Desde que hoje Deus permite que existam tais relações, já que se deve admitir que nada acontece sem a permissão divina, é que julga útil à felicidade dos homens, a fim de dar-lhes a prova da vida futura, na

qual muitos não crêem mais, e porque o número sempre crescente dos incrédulos prova que, sozinha, a Igreja é impotente para os manter no aprisco. Deus lhes envia auxiliares nos Espíritos que se manifestam; repeli-los não é dar prova de submissão à sua vontade; renegá-los é desconhecer o seu poder; injuriá-los e maltratar seus intérpretes é agir como os judeus em relação aos profetas, o que fez com que Jesus derramasse lágrimas pela sorte de Jerusalém.

“Portanto, quando um miserável mortal, desvairado por sua imaginação, pretende dar-nos notícias sobre a sorte das almas do outro mundo; quando homens de limitada visão têm a audácia de querer revelar à Humanidade e ao indivíduo o seu destino indefectível no futuro, usurpam um poder que pertence a Deus, e do qual este não renuncia, a não ser para o bem da própria Humanidade e dos povos, advertindo-os ou os reprimindo por intermédio de enviados que, como os profetas, trazem consigo a prova de sua missão, nos milagres que operam e na realização constante do que eles anunciaram.”

*Observação* – Então renegais as predições de Jesus, já que não reconheceis no que acontece a realização do que ele anunciou. Que significam estas palavras: “Derramarei o Espírito sobre toda a carne; vossas mulheres e vossas filhas profetizarão, vossos mancebos terão visões e vossos velhos sonharão sonhos?”<sup>21</sup>

“Podemos considerar como visionários aqueles que, abandonando a verdade, e dando ouvidos a fábulas, querem que se escute como revelações os caprichos, os sonhos fantásticos de sua imaginação em delírio. Escrevendo a Timóteo, São Paulo previne aquele contra tudo isto, ele e as gerações futuras (I Tim., 4:7). O apóstolo já pressentia, dezoito séculos atrás, aquilo que, em nossa época, a incredulidade devia oferecer para encher, com alguma coisa, o vazio deixado na alma pela ausência da fé.”

*Observação* – Com efeito, a incredulidade é a chaga de nossa época; deixa na alma um imenso vazio. Por que, então, não a combate a Igreja? Por que é incapaz de manter os fiéis na fé? Meios materiais e espirituais não lhe faltam; não possui imensas riquezas, inumerável exército de pregadores, a instrução

21 N. do T.: Vide *Atos dos Apóstolos*, 2:17.

religiosa da juventude? Se seus argumentos não triunfam sobre a incredulidade, é que não são bastante peremptórios. O Espiritismo não vai fazer concorrência com ela: *faz o que a Igreja não faz*; dirige-se àqueles aos quais ela é impotente para reconduzir, e consegue lhes dar fé em Deus, na sua alma e na vida futura. Que dizer de um médico que, não podendo curar um doente, se opusesse a que este aceitasse os cuidados de outro médico que o pudesse salvar?

É verdade que ele não preconiza um culto à custa do outro, não lança anátema a ninguém, sem o que seria bem-vindo para aquele cuja causa exclusiva tivesse abraçado; mas é justamente por ser portador de uma contrasenha, à qual todos podem responder: “Fora da caridade não há salvação”, que ele vem fazer cessar o antagonismo religioso, que fez derramar mais sangue que as guerras de conquista.

“Depois de haver ensaiado a adivinhação e o sonambulismo pelo magnetismo animal, sem nada obter, senão a reprovação dos homens sensatos; depois de ter visto caírem em descrédito as mesas girantes, desenterraram o cadáver infecto desse Espiritismo, com o absurdo da transmigração das almas, desprezando os artigos do nosso símbolo, tais como os ensina a Igreja, quiseram substituí-los por outros que os anulam, admitindo uma imortalidade da alma, um purgatório e um inferno muito diferentes dos que nos ensina nossa fé católica.”

*Observação* – Isto é muito justo. O Espiritismo não admite um inferno onde há labaredas, tridentes, caldeiras e lâminas de navalhas; também não admite que seja uma felicidade para os eleitos levantar as tampas das caldeiras para aí ver fervendo os danados, talvez um pai, uma mãe ou um filho; não admite que Deus se compraza em ouvir, por toda a eternidade, os gritos de desespero de suas criaturas, sem ser tocado pelas lágrimas dos que se arrependem, nisto mais cruel que aquele tirano que mandou construir um respiradouro, pondo em comunicação as masmorras do palácio com o seu quarto de dormir, a fim de dar-se ao prazer de ouvir os gemidos de suas vítimas. Enfim, o Espiritismo não admite que a suprema felicidade consista numa contemplação perpétua, que seria uma perpétua inutilidade, nem que Deus tenha criado as almas para lhes dar apenas alguns anos, ou alguns dias de existência ativa e, em seguida, arrojá-las para sempre nas torturas ou numa inútil beatitude. Se esta é a pedra angular do

edifício, tem razão a Igreja para temer as idéias novas. Não é com tais crenças que ela tapará o abismo escancarado da incredulidade.

“Com isto, como disse muito a propósito o sábio bispo de Argel, tudo quanto os incrédulos puderam fazer foi mudar a face, para arrastar essa porção de crentes, cuja fé, simples e pouco esclarecida, facilmente se presta a tudo o que é extraordinário e, ao mesmo tempo, conseguir opor um novo obstáculo à conversão dessas almas sepultadas na indiferença religiosa que, vendo que querem reduzir o Cristianismo a um mosaico de superstições, acabaram blasfemando contra ele e o seu autor.”

*Observações* – Eis uma coisa muito singular! É o Espiritismo que impede a Igreja de converter as almas sepultadas na indiferença religiosa. Mas, então, por que ela não as converteu antes do aparecimento do Espiritismo? Nesse caso, ele é mais poderoso que a Igreja. Se os indiferentes se ligam a ele de preferência, é que, aparentemente, o que ele dá lhes convém mais.

“Para que os homens de pouca fé não se escandalizem lendo as doutrinas de *O Livro dos Espíritos*, e não creiam, um só instante, que elas estejam em harmonia com todos os cultos e com todas as crenças, inclusive a fé católica, como pretende Allan Kardec, nós lhes lembraremos que as Escrituras Santas as condenam como loucura, dizendo pela boca do Eclesiastes: ‘As adivinhações, os augúrios e os sonhos são coisas vãs, e o coração sofre essas quimeras; todas as vezes que não forem enviados pelo Altíssimo, desconfiai deles; porque os sonhos entristecem os homens e os que neles se apóiam são caídos.’ (Ecles., 36:5, 7.)<sup>22</sup>

“Jesus-Cristo censura os seus discípulos por terem acreditado na visão de um fantasma, ao vê-lo andar sobre as águas, e não quer que se assegurem disto senão pelos sinais que lhes dá da realidade de sua pessoa. (Lucas, 24:39.)

22 **N. do T.:** Capítulo inexistente (36) em Eclesiastes. O espírito dessa passagem bíblica, embora sem corresponder exatamente à letra, pode ser encontrado em Jeremias, 27:9.

“Como intérpretes da palavra divina, a Igreja e os Santos Pais têm repellido constantemente esses meios enganadores, pelos quais se crê que os Espíritos se comunicam com os homens, e a razão esclarecida também os repele, pois, compreendendo que, por si só e sem o auxílio da fé, ela não pode abarcar as coisas nem as verdades que se referem ao passado na ordem sobrenatural. Como poderia atingir, por si mesma, num estado de transporte ou arrastada por uma imaginação ardente, aquilo que só se pode verificar de uma maneira, num lugar e em circunstâncias imprevistas?”

“Se, pois, em outras ocasiões, elevamos a voz contra esse materialismo ímpio e essa incredulidade sistemática, que nega a imortalidade da alma separada do corpo nos diferentes estados aos quais a divina justiça a destina para a eternidade, hoje nos vemos obrigados a protestar contra essa comunicação ativa, atribuída à evocação dos mortos, que pretende revelar o que só é perceptível à infinita penetração divina.

“Meus irmãos e meus diletos filhos, não vos deixeis arrastar por estas fábulas vãs, que encerram os erros e as preocupações dos povos bárbaros e ignorantes, e todas as invenções absurdas das criaturas cujo espírito, enfraquecido pela falta da verdadeira fé e pela superstição, abjuram a religião revelada pelo filho de Deus, degrada a razão humana e afasta a pureza da alma. Longe de nossos bem-amados diocesanos e, sobretudo, desses leitores, tidos, com justa razão, como esclarecidos e civilizados, de acreditarem nesses contos de sonhadores, tais como Allan Kardec, homens de imaginação exaltada e delirante! Longe de vós, pois, essa crença anticristã, que faz saírem dos túmulos os fantasmas, os Espíritos errantes; longe de vós essa superstição introduzida em nossa religião pelos pagãos convertidos ao Cristianismo, e que os escritos de seus sábios apologistas logo expulsaram.”

*Observação* – Os espíritas jamais fizeram os fantasmas saírem dos túmulos, e isto por uma razão muito simples: nos túmulos só existem os despojos mortais, que se destroem e não ressuscitam. Os Espíritos estão por toda parte no espaço, felizes por estarem livres e desembaraçados do corpo que os fazia sofrer, razão pela qual não se prendem aos seus restos, deles se afastando, em vez de o buscarem. O Espiritismo sempre repeliu a idéia de que as evocações fossem mais fáceis junto aos túmulos, de onde não se pode fazer sair o que lá não está. Só no teatro se vêem estas coisas.

“Tende cuidado para que vossos filhos, levados pela curiosidade juvenil, não leiam semelhantes produções e não se impressionem com as suas figuras, que têm feito perder o bom-senso a um bom número de pessoas, que hoje gemem nas casas de alienados, vítimas do Espiritismo.

“Envidai todos os esforços, meus filhos e meus irmãos, para conservar pura a doutrina que nos ensina o divino Mestre. Confiai e buscai apoio unicamente na sua santa palavra, no que concerne ao vosso futuro. E sabendo que é à Providência divina, sempre sábia, que cabe conduzir o homem através das vicissitudes desta vida, para experimentar a sua fé e avivar a sua esperança, sem querer sondar vossa sorte futura, buscai assegurá-la por meio das boas obras; são elas que certificam a vossa vocação de filhos de Deus, chamados à herança do Pai Celeste.”

*Observação* – Em vez de interferir na curiosidade dos filhos, não se estaria estimulando a dos pais, que esta pastoral não deixa de suscitar? Quanto à loucura, é sempre a mesma história, que começa a ser singularmente usada, e cujo resultado não foi mais feliz que o dos supostos fantasmas. Como são feitas experiências de todos os lados, ainda mais na intimidade das famílias do que em público, e encontrando-se os médiuns por toda parte, em todas as camadas da sociedade e em todas as idades, cada um saberá informar-se quanto ao verdadeiro estado de coisas; é por isto que os esforços feitos para desfigurar o Espiritismo não dão resultado. O número daqueles que falsas alegações conseguem ludibriar é muito fraco e, destes, querendo ver por si mesmos, muitos reconhecem a verdade. Como persuadir uma multidão de que é noite, quando todos podem ver que é dia claro? Esta faculdade de controle prático, dada a todos, é um dos caracteres especiais do Espiritismo; é o que constitui a sua força.

Já não se dá o mesmo com as doutrinas puramente teóricas, que podem ser combatidas pelo raciocínio. O Espiritismo baseia-se em fatos e observações que, incessantemente, cada um tem à mão.

Toda a argumentação do Sr. bispo de Barcelona assim se resume: As manifestações dos Espíritos são fábulas, imaginadas pelos incrédulos para destruir a religião; só se deve crer no que dizemos, porque somente nós estamos de posse da verdade; não examineis nada além, a fim de não serdes seduzidos.

“Para prevenir os perigos aos quais poderíeis sucumbir, e tendo em vista a autoridade divina que nos foi dada para vo-los assinalar e deles vos afastar, de conformidade com a faculdade que nos é reconhecida pelo artigo 3º da última concordata, e de acordo com o que foi previsto pelos cânones sagrados e as leis do reino, relativas aos erros que temos assinalado e combatido, condenamos *O Livro dos Espíritos*, traduzido em espanhol sob o título de *El Libro de los Espíritus*, de Allan Kardec, como incurso nos artigos 8º e 9º da ordenação promulgada em virtude da prescrição, para este efeito, do concílio de Trento. Proibimos a sua leitura a todos os nossos diocesanos, sem exceção, e lhes ordenamos que entreguem a seus curas os respectivos exemplares que lhes caírem nas mãos, para que nos sejam enviados com a máxima segurança possível.

“Dado em nossa santa visita de Mataro, a 27 de julho de 1864.”

*Pantaleão*, bispo de Barcelona,  
Por ordem de S. E. S. monsenhor bispo,  
Don Lazaro Bauluz, secretário

A proibição feita pelo bispo de Barcelona a todos os seus diocesanos, sem exceção, de se ocuparem do Espiritismo, é plagiada na do bispo de Argel. Duvidamos muito que ela tenha mais sucesso, embora seja na Espanha, porquanto nesse país, como alhures, as idéias fermentam, mesmo sob o abafador e, talvez, por causa do abafador, que as mantém em estufa quente. O auto-de-fé

de Barcelona apressou a sua eclosão. O efeito visado dessa solenidade aparentemente não correspondeu à expectativa, desde que não o repetiram; mas a execução, que já não ousam fazer em público, querem fazê-la em particular. Convidando seus administrados a lhe remeter todos os livros espíritas que lhes caírem à mão, monsenhor Pantaleão certamente não teve em vista colecioná-los. Ele lhes interdita evocar os Espíritos, o que é um direito seu; mas em sua pastoral esqueceu uma coisa essencial: proibir que os Espíritos entrem na Espanha.

Ele se admira de que o Espiritismo crie raízes tão facilmente no século dezenove. Devem admirar-se ainda mais de ver neste século a ressuscitação de usos e costumes da Idade Média. E, o que é mais surpreendente ainda, é que se encontrem pessoas, aliás instruídas, que compreendem tão pouco a natureza e a força da idéia, para crer que se lhe possa deter o caminho, como se retém um fardo de mercadorias na fronteira.

Vós vos queixais, monsenhor, de que os incrédulos e os indiferentes fiquem surdos à voz dos pastores da Igreja, ao passo que se submetem à do Espiritismo. É que eles são mais tocados pelas palavras de caridade, de encorajamento e de consolação do que pelos anátemas. Crêem reconduzi-los por imprecensões, como a pronunciada ultimamente pelo abade de Villemayor-de-Ladre, contra um pobre mestre-escola que se atreveu a contrariá-lo? Eis esta fórmula canônica, relatada pela *Correspondência* de Madrid, de junho de 1864, junto à qual a famosa imprecensão de Camille é quase doçura. O poeta colocou-a na boca de uma pagã, mas não se atreveu a pô-la na de uma cristã.

“Maldito seja Auguste Vincent; malditas as roupas que o cobrem, a terra em que pisa, a cama onde dorme, a mesa em que come; malditos sejam o pão e todos os outros alimentos de que se nutre, a fonte onde bebe e todos os líquidos que toma.

“Que a terra se abra e ele seja enterrado neste momento; que tenha Lúcifer à sua direita. Ninguém possa falar com ele, sob pena de serem todos excomungados, mesmo para lhe dizer adeus; malditos sejam também seus campos, sobre os quais não cairá mais água, para que nada lhe produzam; maldita seja a água em que ele monta, a casa em que mora e as propriedades que possui.

“Malditos também sejam seus pais, os filhos que tem ou tiver, que serão em pequeno número e maus; eles irão mendigar e ninguém lhes dará esmola; e, se lhas derem, que não a possam comer. Ainda mais: que sua mulher fique viúva agora, seus filhos órfãos e sem pai.”

É bem num templo cristão que se fizeram ouvir tão horríveis palavras? É bem um ministro do Evangelho, um representante de Jesus-Cristo que as pronunciou? que, por uma injúria pessoal, vota um homem à execração de seus semelhantes, a danação eterna e a todas as misérias da vida, ele, seu pai, sua mãe, seus filhos presentes e futuros, e tudo o que lhe pertence? Jesus jamais utilizou semelhante linguagem, ele que orava por seus algozes e que disse: “Perdoai aos vossos inimigos”; que diariamente nos faz repetir, na Oração Dominical: “Senhor, perdoai nossas ofensas, assim como perdoamos aos que nos têm ofendido.” Quando pronuncia a maldição contra os escribas e fariseus, chama sobre estes a cólera de Deus? Não; mas lhes prediz as desgraças que os aguardam.

E vos admirais, monsenhor, dos progressos da incredulidade! Antes vos deveríeis admirar de que, em pleno século dezenove, a religião do Cristo seja tão mal compreendida pelos que são encarregados de ensiná-la. Não fiquéis, pois, surpreso se Deus envia seus Espíritos bons para lembrarem o sentido verdadeiro de sua lei. Eles não vêm para destruir o Cristianismo, mas para libertá-lo das falsas interpretações e dos abusos que nele introduziram os homens.

# Instruções dos Espíritos

## OS ESPÍRITOS NA ESPANHA

(Barcelona, 13 de junho de 1864 – Médiun: Sra. J.)

Venho junto a vós para que tenhais a bondade de me recomendar a Deus em vossas preces, porque sofro e desejo que as caridosas almas encarnadas tenham compaixão de um pobre Espírito que pede perdão a Deus. Por muito tempo entreguei-me ao mal; hoje, porém, venho dizer aos Espíritos que o fazem: Cessai, almas impuras, as vossas iniquidades; cessai de ser incrédulas e de levar uma vida errante, tal qual a vossa; cessai de fazer o mal, porque Deus diz aos Espíritos bons: “Ide e purificai essas almas perversas, que jamais conheceram o bem; é preciso que cesse o mal, porque estão próximos os tempos em que a Terra deve ser melhorada. Para que ela seja melhor, é preciso que as almas maculadas, que diariamente vêm povoá-la, se purifiquem, a fim de habitar novamente a Terra, melhores e mais caridosas.”

É o que disse Deus a seus Espíritos bons. E eu, que era um dos mais cruéis na obsessão, hoje venho dizer aos que fazem o que eu fazia: Almas transviadas, segui-me; pedi perdão a Deus e a essas almas puras que vos estendem o braço; implorai, e Deus vos perdoará; mas perdoai também, e arrependei-vos. O perdão é tão doce! Ah! se o conhecêsseis, não demoraríeis um instante em vos retirardes do lodaçal do mal onde vos atolais; voaríeis imediatamente aos braços dos anjos que estão junto de vós. Cessai, cessai, irmãos, arrependei-vos.

Meus amigos, permiti que eu vos dê esse nome, embora não me conheçais. Sou um desses Espíritos que tudo fizeram, exceto o bem; mas a cada pecado, misericórdia; e, já que Deus me concede o perdão e os anjos me chamam de irmão, espero que vós, que praticais a caridade, orareis por mim, pois tenho de passar por provas muito duras; mas elas são merecidas.

P. – Há muito tempo que enveredaste pelo bem?

*Resp.* – Não, meus amigos; há pouco tempo, pois sou o Espírito obsessor da menina de Marmande. Sou Jules; venho pedir às almas caridosas que orem por mim e dizer aos meus antigos companheiros: “Parai! Não façais mais mal, porque Deus perdoa aos pecadores arrependidos; arrependei-vos e sereis absolvidos. Venho trazer-vos as palavras de paz; recebi do anjo aqui presente o santo batismo, como eu o recebi.”

Eu vos deixo, caros amigos, recomendando não me esqueçais em vossas boas preces. Adeus.

*Jules*

Tendo perguntado ao Espírito se o da Pequena Cárita, sua protetora, o acompanhava, respondeu afirmativamente. Pedimos a esse Espírito bom que dissesse algumas palavras a respeito das obsessões que há tanto tempo combatemos. Eis o que nos disse:

“Meus amigos, as obsessões que atormentam essas pobres almas encarnadas são muito dolorosas, sobretudo para os médiuns, que desejam servir-se de suas faculdades para fazer o bem, e não o podem, porque Espíritos malvados se abateram sobre eles e não lhes dão paz; mas é preciso esperar que essas obsessões cheguem a seu termo. Orai muito, pedi a Deus, a própria bondade, se digne abreviar vossos sofrimentos e vossas provações. Evocai, almas queridas, esses Espíritos transviados; orai por eles; moralizai-os; pedi conselhos aos Espíritos bons. Estais bem acompanhados; não tendes junto a vós diversas dessas almas etéreas, que velam por vós, vos protegem e procuram fazer-vos progredir, a fim de que chegueis perto de Deus? Nisto está a sua tarefa; trabalham incessantemente para vos preparar o caminho, que jamais acaba. Se não estais libertos, meus caros amigos, talvez ainda não estejais bastante purificados para a tarefa que vos impusestes. Escolheste

livremente a vossa provação e deveis vos esforçar por levá-la a bom termo, porque os Espíritos vos guiam e vos sustentam para vos ajudar a terminar a vida terrestre santamente, depurando-vos pela expiação do sofrimento e pela caridade.

“Adeus, caros amigos. Deixo-vos, pedindo a Deus por vós e por esses pobres obsedados e lhe peço que sejais sempre protegidos pelos Espíritos purificados do vosso grupo. (Vide a *Revista* de fevereiro, março e junho de 1864: Cura da jovem obsedada de Marmande).”

*Pequena Cárta*

Eis dois Espíritos que violaram a ordem e transpuseram os Pirineus sem permissão, não levando em conta a pastoral do monsenhor Pantaleão e, mais ainda, sem terem sido chamados ou evocados. É verdade que a pastoral ainda não tinha aparecido; agora veremos se eles serão menos audaciosos. Poder-se-ia dizer que, se não os chamaram nessa reunião, estavam habituados a fazê-lo em outras e que, encontrando a porta aberta, aproveitaram para entrar; mas não tardará, se é que já não o fizeram, a vê-los se introduzirem, lá como alhures, como em Poitiers, por exemplo, entre pessoas que jamais ouviram falar de Espiritismo e mesmo entre os que, escrupulosos observadores da pastoral, lhes fechem a entrada de suas casas, a despeito dos manda-chuvas.

Já que tais Espíritos se permitiram essa afronta, perguntaremos ao Sr. bispo o que há de ridículo no fato e onde o *cinismo imundo* que, em sua opinião, é fruto do Espiritismo: uma jovem de Marmande, que nem ela, nem os pais pensavam nos Espíritos, que, talvez, nem neles acreditassem, é acometida, de um ano para cá, de uma doença terrível, bizarra, ante a qual a Ciência é impotente. Alguns espíritas crêem reconhecer a ação de um Espírito mau; tentam sua cura sem medicamentos, pela prece e pela

evocação desse Espírito mau. Em cinco dias, não só lhe restabelecem a saúde, mas conduzem o Espírito mau ao bem. Onde está o mal? onde o absurdo? Depois, esse mesmo Espírito vem a Barcelona, sem que o chamem, pedir preces para completar a sua purificação; dá-se como exemplo e exorta seus antigos companheiros a renunciarem ao mal; o Espírito bom que o acompanha prega a moral evangélica. Ainda aí, que há de ridículo e de imundo? O que é ridículo, dizeis, é acreditar na manifestação dos Espíritos. Mas, que são esses dois seres que acabam de comunicar-se? Um efeito da imaginação? Não, pois não pensavam neles, nem no fato de que acabam de falar. Quando tiverdes morrido, monsenhor, vereis as coisas de outro modo e rogaremos a Deus que vos esclareça, como fez com o vosso predecessor, hoje um dos protetores do Espiritismo em Barcelona.

Entre as comunicações por ele dadas à Sociedade Espírita de Paris, eis a primeira que, não obstante já publicada nesta *Revista*, será reproduzida para a edificação dos que não a conhecem (Vide a *Revista* de agosto de 1862: Morte do bispo de Barcelona; e, quanto aos detalhes do auto-de-fé, os números de novembro e dezembro de 1861).

“Auxiliado pelo vosso chefe espiritual (São Luís) pude vir ensinar-vos com o meu exemplo e vos dizer: Não repilais nenhuma das idéias anunciadas, porque um dia, um dia que durará e pesará como um século, essas idéias amontoadas clamarão como a voz do anjo: Caim, que fizestes de teu irmão? Que fizestes de nosso poder, que devia consolar e elevar a Humanidade? O homem que voluntariamente vive cego e surdo de espírito, como outros o são do corpo, sofrerá, expiará e renascerá para recomeçar o labor intelectual que a sua preguiça e o seu orgulho o levaram a evitar; e essa voz terrível me disse: Queimaste as idéias, e as idéias te queimarão. Orai por mim. Orai, porque é agradável a Deus a prece que lhe é dirigida pelo perseguido em benefício do perseguidor.

“Aquele que foi bispo e que não passa de um penitente.”

Os Espíritos não se detêm em Barcelona; Madri, Cadiz, Sevilha, Múrcia e muitas outras cidades recebem suas comunicações, às quais deu o auto-de-fé um novo impulso, aumentando o número de adeptos. Sem ter o dom de profecia, podemos dizer com certeza que, em menos de meio século, toda a Espanha será espírita.

[Múrcia (Espanha), 28 de junho de 1864]

*Pergunta a um Espírito protetor* – Poderíeis falar do estado das almas encarnadas em mundos superiores ao nosso?

*Resposta* – Como ponto de comparação com o vosso, tomo um mundo sensivelmente mais adiantado, onde a crença em Deus, na imortalidade da alma, na sucessão das existências para alcançar a perfeição, são outras tantas verdades reconhecidas e compreendidas por todos, onde a comunicação dos seres corpóreos com o mundo oculto é, por isso mesmo, muito fácil. Ali os seres são menos materiais que em vossa Terra, e não se acham sujeitos a todas as necessidades que vos pesam; formam a transição entre os corpóreos e os incorpóreos. Lá não há barreiras separando os povos, nem guerras; todos vivem em paz, praticando entre si a caridade e a verdadeira fraternidade; as leis humanas ali são inúteis; cada um traz consigo a consciência, que é o seu tribunal. O mal é raro e mesmo esse mal seria quase o bem para vós. Em relação a vós eles seriam perfeitos, mas ainda estão bem longe da perfeição divina; necessitam, ainda, de várias encarnações em diversos orbes, para completarem a purificação. Aquele que na Terra vos parece perfeito seria considerado como um revoltado e um criminoso no mundo de que vos falo. Vossos grandes sábios ali seriam os últimos ignorantes.

Nos mundos superiores as produções da Natureza nada têm de comum com as do vosso globo; tudo ali é apropriado à

organização menos material dos habitantes. Não é pelo suor do rosto e pelo trabalho manual que tiram o alimento. O solo produz naturalmente o que lhes é necessário. Contudo não estão inativos, mas suas ocupações são bem diferentes das vossas. Não tendo que prover às necessidades do corpo acodem às do Espírito; compreendendo cada um por que foi criado, estão positivamente seguros de seu futuro e trabalham sem trégua o seu próprio melhoramento e a purificação de sua alma.

Ali a morte é considerada um benefício. O dia em que a alma deixa o seu invólucro é um dia feliz. Sabe-se aonde se vai; passa-se primeiro, para ir mais longe esperar os pais, os amigos e os Espíritos simpáticos, deixados para trás.

Terra de paz, morada feliz, onde as vicissitudes da vida material são desconhecidas, onde a tranqüilidade da alma não é perturbada pela ambição, nem pela sede de riquezas, felizes os que te habitam! Eles alcançam o fim que perseguem há tantos séculos; vêem, sabem, compreendem; regozijam-se em pensar no futuro que os espera e trabalham com mais ardor para chegar mais prontamente.

*Um Espírito protetor*

Esta comunicação nada oferece que já não tenha sido dito sobre os mundos adiantados; mas não é menos interessante ver a concordância que se estabelece no ensino dos Espíritos nos diversos pontos do globo. Com tais elementos, como não se haveria de dar a unidade da doutrina?

Até agora, estando constituídos os pontos fundamentais da doutrina, os Espíritos têm pouca coisa nova a dizer; não os podem senão repetir em outros termos, desenvolver e comentar os mesmos assuntos, o que estabelece certa uniformidade em seus ensinamentos. Antes de abordar novas questões, deixam às que estão resolvidas o tempo de se identificarem com o

pensamento. Mas, à medida que o momento é propício para dar um passo à frente, vemo-los abordar novos assuntos que, mais cedo, teriam sido prematuros.

## Conversas de Além-Túmulo

### UM ESPÍRITO QUE SE JULGA MÉDIUM

A Sra. Gaspard, amiga da Sra. Delanne, era uma fervorosa espírita; seu pesar era não ser médium; teria desejado sobretudo ser médium vidente. Desde longa data sofria muito de um aneurisma. Em 2 de julho último, durante a noite, a ruptura desse aneurisma provocou-lhe a morte súbita. A Sra. Delanne ainda não tinha sido informada do evento quando, de dia, ouviu pancadas em diversas partes do quarto; a princípio não prestou grande atenção, mas a persistência dos golpes fez pensasse que algum Espírito queria comunicar-se. Como é excelente médium, tomou do lápis e escreveu o que se segue:

Oh! boa Sra. Delanne, como me fizestes esperar! Corri para vos contar minha nova faculdade: sou médium vidente. Vi meu caro Emílio, minhas crianças, todos, minha mãe, a mãe do Sr. Gaspard. Oh! como ele vai sentir-se feliz quando souber! Obrigado meu Deus, por tão grande favor!

P. – Sois vós mesma, Sra. Gaspard, que me falais neste momento?

*Resp.* – Como! não me vedes? Há muito tempo estou perto de vós. Estava impaciente porque não me respondíeis. Vamos! vireis, não? Agora é a vossa vez. E, depois, isto vos fará bem; iremos passear, agora que me sinto bem. Oh! como se é feliz, ao rever aqueles a quem se ama! Foi o que me curou. Como o bom Deus é bom e como cumpre suas promessas quando se é fiel aos seus mandamentos! – Hem, meu Emílio! e dizer que meu pobre pai ainda vai falar que estou louca! Isso não tem importância; mesmo

assim lho direi. – Vamos partir? É preciso levar vossa mãe, pois isto lhe fará bem. Pobre mulher! ela tem um ar tão bom!

P. – Vamos partir, Sra. Gaspard; eu vos sigo. Vamos mesmo à vossa casa em Châtillon? Dizei-me o que vedes ou, melhor, o que lá se passa no momento.

*Resp.* – Coisas singulares!

Dito isto, o Espírito se foi e a Sra. Delanne nada mais pôde obter.

Para a compreensão desta última parte da comunicação, diremos que, desde algum tempo, as duas amigas haviam planejado um passeio na casa de campo da Sra. Gaspard, em Châtillon. Surpreendida por uma morte súbita, a Sra. Gaspard não se dá conta de sua posição e ainda se julga viva; como vê os Espíritos que lhe são caros, imagina haver-se tornado vidente; é uma particularidade notável da transição da vida corpórea à vida espiritual. Além disso, achando-se livre do sofrimento, a Sra. Gaspard crê-se curada e vem renovar seu convite à Sra. Delanne. Contudo, nela as idéias são confusas, pois vem avisá-la por meio de golpes em torno dela, sem compreender que não seria advertida desta maneira se estivesse viva.

A Sra. Delanne logo compreende a singularidade da posição, mas, não lhe querendo tirar as ilusões, a convida a ver o que se passa em Châtillon. O Espírito para ali se transporta e talvez tenha sido chamado à realidade por alguma circunstância imprevista, já que exclama: “Coisas singulares!”, e interrompe a comunicação.

Aliás, a ilusão durou pouco. A partir do dia seguinte a Sra. Gaspard já estava completamente desprendida e ditou excelente comunicação, dirigida ao marido e aos amigos, congratulando-se por haver conhecido o Espiritismo, que lhe proporcionara uma morte isenta das angústias da separação.

## Estudos Morais

### UMA FAMÍLIA DE MONSTROS

Escrevem de Brunswick ao *Pays*:

“Uma camponesa das cercanias de Lutter acaba de dar à luz uma criança com todas as aparências de um macaco, pois seu corpo é quase inteiramente coberto de pelos negros e cerrados, e nem mesmo o rosto está isento dessa estranha vegetação.

“Casada há doze anos, e embora admiravelmente conformada, essa infeliz senhora ainda não deu à luz um só filho que não fosse acometido de enfermidades mais ou menos horríveis.

“Sua filha mais velha, de dez anos, é completamente corcunda e a fisionomia parece copiada, traço por traço, da de Polichinelo. Seu segundo filho é um menino de sete anos; ele é aleijado das pernas. O terceiro, que vai completar cinco anos, é surdo-mudo e idiota. Enfim a quarta, de dois anos e meio, é completamente cega.

“Qual pode ser a causa desse estranho fenômeno? Eis um ponto que a Ciência deve esclarecer.

“O pai é um homem perfeitamente constituído e tem todas as aparências da mais robusta saúde e nada pode explicar a espécie de fatalidade que pesa sobre a sua raça.”

(*Moniteur* de 29 de julho de 1864)

“Eis um ponto”, diz o jornal, “que a Ciência deve esclarecer.” Há muitos outros pontos diante dos quais a Ciência fica impotente, sem contar os de Morzine e de Poitiers. A razão disto é muito simples: é que ela se obstina em buscar as causas

apenas na matéria, só levando em conta as leis que conhece. A respeito de certos fenômenos ela está na posição em que se encontraria se não tivesse saído da física de Aristóteles, se tivesse desconhecido a lei da gravitação ou a da eletricidade. Por onde esteve a religião, quando desconhecia a lei do movimento dos astros? Onde estão ainda hoje os que desconhecem a lei geológica da formação do globo?

Duas forças partilham o mundo: o Espírito e a matéria. O Espírito tem as suas leis, como a matéria tem as dela. Ora, reagindo incessantemente uma sobre a outra, resulta que certos fenômenos materiais têm como causa a ação do Espírito e que umas não podem ser perfeitamente compreendidas se as outras não forem levadas em conta. Fora das leis tangíveis há uma outra que desempenha no mundo um papel capital: a que estabelece as relações entre o mundo visível e o mundo invisível. Quando a Ciência reconhecer a existência desta lei, nela encontrará a solução de uma multidão de fenômenos, contra os quais se choca inutilmente.

As monstruosidades, como todas as enfermidades congênicas, por certo têm uma causa fisiológica, que é da alçada da ciência material; mas, supondo que esta venha descobrir o segredo desses desvios da Natureza, restará sempre o problema da causa primeira e a conciliação do fato com a justiça de Deus. Se a Ciência disser que isto não lhe concerne, o mesmo não poderá dizer a religião. Quando a Ciência demonstra a existência de um fato, incumbe à religião o dever de aí procurar a prova da soberana sabedoria. Alguma vez já terá ela sondado, do ponto de vista da divina equidade, o mistério dessas existências anômalas? dessas fatalidades que parecem perseguir certas famílias, sem causas atuais conhecidas? Não, porque sente a sua impotência e se apavora com essas questões perigosas para seus dogmas absolutos. Até agora tinham aceitado o fato sem ir mais longe; mas hoje pensam, refletem, querem saber; interrogam a Ciência, que procura nas

fibras e fica muda; interrogam a religião, que responde: Mistério impenetrável!

Pois bem! o Espiritismo vem desvendar esse mistério e dele fazer sair a deslumbrante justiça de Deus; prova que essas almas deserdadas desde o nascimento neste mundo já viveram e expiam, em corpos diferentes, suas faltas passadas. A observação o demonstra e a razão diz, porquanto não se poderia admitir que fossem castigadas ao sair das mãos do Criador, quando ainda nada haviam feito.

Tudo bem, dirão, para o ser que nasce assim. Mas, e os pais? essa mãe que dá à luz seres desgraçados? que é privada da alegria de ter um único filho que lhe faça honra e que possa mostrar com orgulho? A isto responde o Espiritismo: Justiça de Deus, expiação, provação para sua ternura materna, pois é uma prova bem grande só ver em torno de si, pequenos monstros, em vez de crianças graciosas. E acrescenta: Não há uma só infração às leis de Deus que, mais cedo ou mais tarde, não tenha suas funestas conseqüências, na Terra ou no mundo dos Espíritos, nesta ou numa vida seguinte. Pela mesma razão, não há uma só vicissitude da vida que não seja a conseqüência e a punição de uma falta passada, e assim será para cada um, enquanto não se tiver arrependido, expiado e reparado o mal que fez; retorna à Terra para expiar e reparar; cabe a ele melhorar-se bastante para a ela não mais voltar *como condenado*. Muitas vezes Deus se serve daquele que é punido para punir outros; é assim que os Espíritos dessas crianças, como punição, devendo encarnar em corpos disformes, são, sem o saber, instrumentos de expiação para a mãe que os deu à luz. Essa justiça distributiva, proporcionada à duração do mal, é preferível à das penas eternas, irremissíveis, que fecham a todos, e para sempre, o caminho do arrependimento e da reparação.

Lido o fato acima na Sociedade Espírita de Paris, como assunto de estudo filosófico, um Espírito deu a seguinte explicação:

(Sociedade de Paris, 29 de julho de 1864)

Se pudésseis ver as forças ocultas que fazem mover o vosso mundo, compreenderíeis como tudo se encadeia, das menores às maiores coisas; compreenderíeis, sobretudo, a ligação íntima que existe entre o mundo físico e o mundo moral, esta grande lei da Natureza; veríeis a multidão de inteligências que presidem a todos os fatos e os utilizam para que sirvam à realização dos propósitos do Criador. Suponde-vos um instante ante uma colméia, cujas abelhas fossem invisíveis; o trabalho que veríeis realizar-se diariamente vos causaria admiração e, talvez, exclamásseis: Singular efeito do acaso! Pois bem! realmente estais em presença de um ateliê imenso, conduzido por inumeráveis legiões de operários, para vós invisíveis, dos quais uns não passam de trabalhadores manuais, que obedecem e executam, enquanto outros comandam e dirigem, cada um em sua esfera de ação, proporcionada ao seu desenvolvimento e ao seu adiantamento e, assim, pouco a pouco, até a vontade suprema, que tudo impulsiona.

Assim se explica a ação da Divindade nos mais insignificantes detalhes. Como os soberanos temporais, Deus tem seus ministros, e estes, agentes subalternos, engrenagens secundárias do grande governo do Universo. Se, num país bem administrado, o último casebre sente os efeitos da sabedoria e da solicitude do chefe de Estado, como não deve a infinita sabedoria do Altíssimo estender-se aos menores detalhes da Criação!

Não creiais, pois, que essa mulher, de que acabais de falar, seja vítima do acaso ou de uma cega fatalidade. Não; o que lhe acontece tem sua razão de ser – ficai bem convencidos. Ela é castigada em seu orgulho; desprezou os fracos e os enfermos; foi dura para com os seres caídos em desgraça, dos quais desviava os olhos com repulsa, em vez de envolvê-los num olhar de comiseração; envaideceu-se da beleza física de seus filhos, à custa de mães menos favorecidas; mostrava-os com orgulho, porque aos

seus olhos a beleza do corpo tinha mais valor que a beleza da alma; assim, neles desenvolveu vícios, que lhes retardaram o avanço, em vez de desenvolver as qualidades do coração. É por isso que Deus permitiu que, em sua existência atual, ela só tivesse filhos disformes, a fim de que a ternura maternal a ajudasse a vencer sua repugnância pelos infelizes. Para ela isto é uma punição e um meio de adiantamento; mas nessa própria punição brilham, ao mesmo tempo, a justiça e a bondade de Deus, que castiga com uma das mãos, mas incessantemente dá ao culpado, com a outra, os meios de se resgatar.

*Um Espírito protetor*

## Variedades

### SUICÍDIO FALSAMENTE ATRIBUÍDO AO ESPIRITISMO

O *Moniteur* de 6 de agosto estampa o seguinte artigo, que o *Siècle* reproduziu no dia seguinte:

“Ontem, quinta-feira, às duas horas da tarde, um jovem de apenas dezenove anos, filho de um médico, suicidou-se em seu domicílio, na Rua dos Mártires, com um tiro de pistola na boca.

“A bala fraturou-lhe a cabeça. A morte, porém, não foi instantânea: conservou a razão por alguns momentos e, às perguntas que lhe eram feitas, respondia que, salvo o desgosto que ia causar ao pai, não sentia nenhum pesar pelo que havia feito. Depois foi tomado de delírio e, a despeito dos cuidados de que o rodearam, morreu na mesma noite, depois de uma agonia de cinco horas.

“Dizem que desde algum tempo esse infeliz rapaz nutria idéias de suicídio, presumindo-se, *com ou sem razão*, que o estudo do Espiritismo, ao qual se entregara com ardor, não tinha sido estranho à sua fatal resolução.”

Por certo esta notícia fará o seu passeio nos jornais, como outrora a dos quatro supostos loucos de Lyon, repetida cada vez com o acréscimo de um zero, tamanha a avidez com que os nossos adversários buscam as ocasiões para criticar o Espiritismo. A verdade não tarda a ser conhecida, mas, que importa! espera-se que de uma pequena calúnia espalhada, sempre reste alguma coisa. Sim, dela algo resta: uma mancha sobre os caluniadores. Quanto à Doutrina, não se nota que tenha sofrido por isto, já que prossegue sua marcha ascendente.

Nossos cumprimentos ao diretor do *Avenir*, Sr. d'Ambel, por seu empenho em informar-se da verdadeira causa do acontecimento. Eis o que diz ele a respeito, no número de 11 de agosto de 1864:

“Confessamos que a leitura dessa pasquinada mergulhou-nos na mais profunda estupefação. É impossível não protestar contra a leviandade com que o órgão oficial acolheu semelhante acusação. O *Espiritismo* é completamente estranho ao ato desse moço infeliz. Nós, que somos vizinhos do local do sinistro, sabemos perfeitamente que tal não foi a causa desse espantoso suicídio. É com a maior reserva que devemos indicar a verdadeira causa dessa catástrofe. Mas, enfim, a verdade é a verdade, e nossa doutrina não pode permanecer sob o golpe de tal imputação.

“Desde muito tempo esse jovem, que apresentam como ardoroso estudioso de nossa doutrina, tinha fracassado várias vezes nos *exames de proficiência exigidos ao fim do curso secundário*<sup>23</sup>. O estudo lhe era tão antipático quanto a profissão paterna; em breve ele deveria submeter-se a novo exame. Mas foi em consequência de uma viva discussão com o pai que, temendo ser reprovado mais uma vez, tomou e executou a fatal resolução.

23 N. do T.: Grifos nossos. No original: *baccalauréat*.

“Acrescentamos que se realmente tivesse conhecido o *Espiritismo*, nossa doutrina o teria detido na queda fatal, ao mostrar-lhe todo o horror que nos inspira o suicídio e todas as conseqüências terríveis que tal crime arrasta consigo. (Vide *O Livro dos Espíritos*, pág. 406 e seguintes).”

## Notas Bibliográficas

### PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS

Pelo Sr. Camille Flammarion

Nossos leitores se lembram de uma brochura, sob o mesmo título, publicada pelo Sr. Flammarion, da qual demos notícia, com o devido elogio que ela merece, na *Revista Espírita* de janeiro de 1863. O sucesso do opúsculo levou o autor a desenvolver a mesma tese numa obra mais completa, onde a questão é tratada com todos os desenvolvimentos que comporta, do ponto de vista da Astronomia, da Fisiologia e da Filosofia Natural.

Nesta obra é feita abstração do Espiritismo, do qual não se fala e, por isto mesmo, tanto se dirige aos incrédulos quanto aos crentes. Como, porém, a pluralidade dos mundos habitados se liga intimamente à Doutrina Espírita, é muito importante vê-la consagrada pela Ciência e pela Filosofia. Sob esse aspecto, a extraordinária e sábia obra tem seu lugar marcado na biblioteca dos espíritas.

É sob o mesmo ponto de vista, isto é, fora da revelação dos Espíritos, que será tratada a importante questão da *pluralidade das existências*, numa obra ora no prelo, editada pelos Srs. Didier & Cie. O nome do autor, conhecido no mundo científico, é uma garantia de que o seu livro estará à altura do assunto.

A VOZ DE ALÉM-TÚMULO

**Jornal do Espiritismo, publicado em Bordeaux,  
sob a direção do Sr. Aug. Bez**

Eis a quarta publicação periódica espírita que aparece em Bordeaux, e que temos a satisfação de incluir nas reflexões que fizemos em nosso último número, sobre as publicações do mesmo gênero. De longa data conhecemos o Sr. Bez como um dos firmes sustentáculos da causa. Sua bandeira é a mesma que a nossa e temos fé em sua prudência e moderação. É, pois, mais um órgão que vem somar sua voz às que defendem os verdadeiros princípios da doutrina. Que seja bem-vindo!

Fomos informados de que em breve Marselha também terá o seu jornal espírita.

A multiplicação desses jornais especiais sugeriu-nos importantes reflexões em seu interesse, mas a falta de espaço obriga-nos a adiar o assunto para o próximo número.

*Allan Kardec*